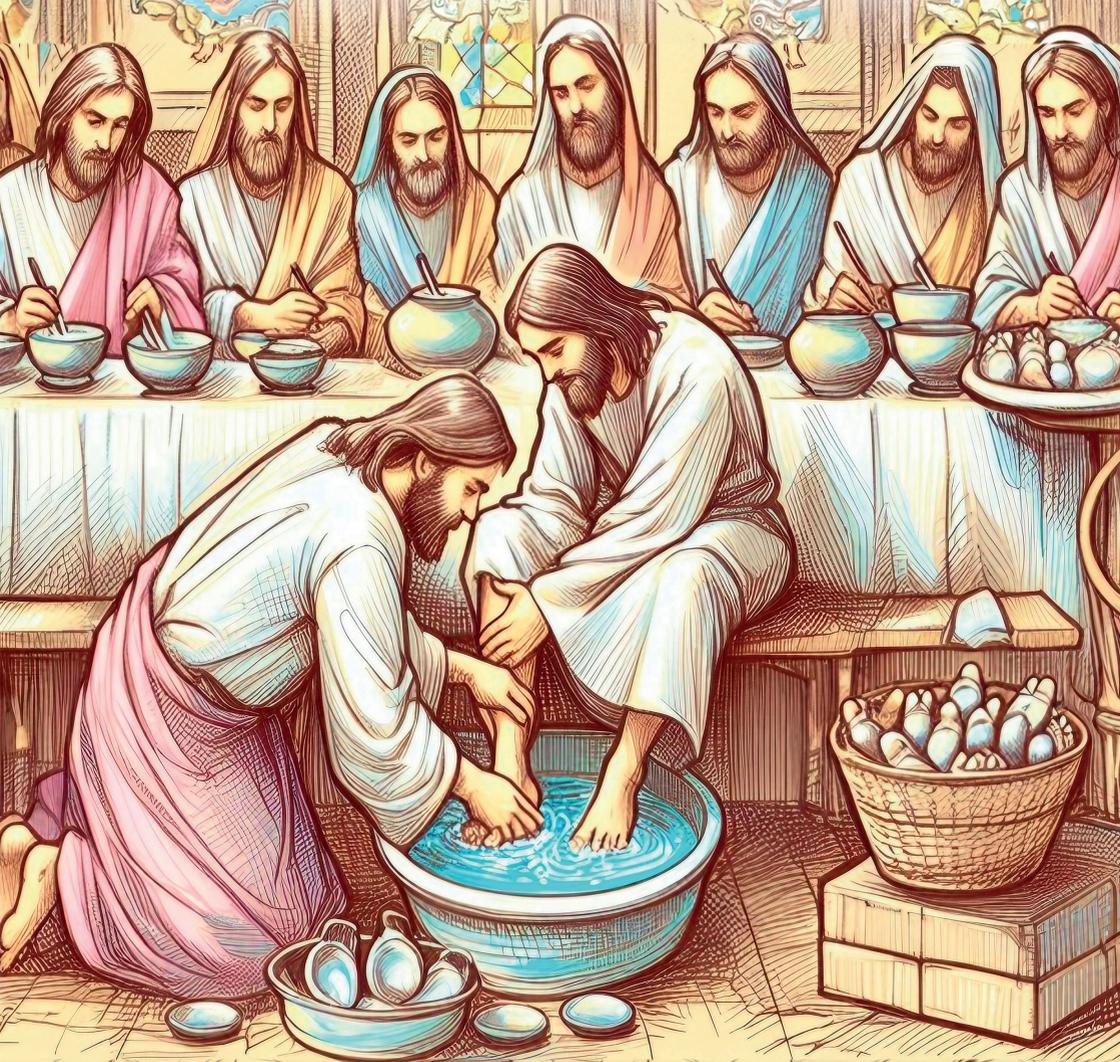


A GRATUIDADE ATIVA DO LEIGO JESUS

COMENTÁRIOS/REFLEXÕES
(A partir do Evangelho de João e aproximações)



José Nazareno Cardeal Fonteles

A GRATUIDADE ATIVA DO LEIGO JESUS

(EVANGELHO DA GRATUIDADE)



**Para uso em grupos que buscam viver com
mais plenitude(gratuidade)**

COMENTÁRIOS/REFLEXÕES
(A partir do Evangelho de João e aproximações)

José Nazareno Cardeal Fonteles
Teresina – Fevereiro de 2025

Parte - I: Reflexões Iniciais

“O ser humano é caracterizado por esse duplo software: um induz ao egocentrismo, a sacrificar os outros por si; o outro induz ao sacrifício de si pelos outros, ao altruísmo, à amizade e ao amor. Nossa civilização tende a favorecer o software egocêntrico. Sem dúvida, o software altruísta e solidário encontra-se por toda parte, mas quase sempre inibido e adormecido. Ele pode despertar”.

(...) “O amor sacralizado ... é um amor oblativo que cria um verdadeiro nós. A reforma da vida requer uma verdadeira educação para o amor (...) A laicidade se faz acompanhar da perda da fé na Revelação Divina. Mas as necessidades de comunhão e de comunidade, de fé, de sagrado, permanecem no seio do universo laicizado. São elas que podem alimentar uma nova sacralização da família pela religação, pelo amor e pela compreensão.”

Edgar Morin, A Via para o futuro da humanidade

“Para todas as capacidades surpreendentes da IA, a única coisa que apenas humanos podem fornecer acaba sendo exatamente o que é mais necessário em nossas vidas: o amor...Estamos longe de entender o coração humano, muito menos copiá-lo. Mas sabemos que os humanos ... querem amar e ser amados, e que amar e ser amado é o que faz nossa vida valer a pena”. (...) “À medida que passarmos da era industrial para a era da IA...devemos nos mover em direção a uma nova cultura, que valorize o amor humano, o serviço e a compaixão mais do que nunca”.

Kai-Fu Lee, Inteligência Artificial

“O fundamento de toda convivência, o fundamento do social, está no amor, na abertura para o outro... O amor não surge da convivência, do social, mas sim o contrário, o social, a convivência social, surgem do amor. Sem amor não há convivência social... O que eu digo é que o amor é o fenômeno biológico-humano mais fundamental: o ser humano surge na evolução biológica, não da agressão, não da competição, não da luta pela vida, mas sim da convivência, da cooperação que torna possível a linguagem como um modo de conviver. Seres humanos, como seres na linguagem, somos filhos do amor.”

Humberto Maturana, El Sentido de lo Humano

“- A gente só conhece bem as coisas que cativou – disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas, como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos.

*Se tu queres um amigo, cativa-me! (...) -Eis o meu segredo. É muito simples: **só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.** (...) -*

Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante... Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe

“O amor é a chave para a compreensão da mensagem de Jesus e para a realização plena do ser humano. O amor é o caminho para a felicidade e para a transformação pessoal e social.”

José M. Castillo, Jesus: a Humanização de Deus

“O amor atrai o amor. Por isso, meu Jesus, o meu lança-se para vós... Para amar-vos como me amais, ser-me-ia preciso vosso próprio amor. (...) Basta lançar um olhar sobre o santo evangelho; logo respiro os perfumes da vida de Jesus e sei para que lado correr”(Manuscrito C). “Quão doce é a via do amor! Sem dúvida, pode-se cair, pode-se cometer infidelidades, mas o amor, sabendo tirar proveito de tudo, consome bem depressa tudo o que pode desagradar a Jesus, deixando no fundo do coração apenas uma humilde e profunda paz...”(Manuscrito A)

Teresa de Lisieux, Obras Completas (Paulus)

“O mundo será evangelizado por leigos ou não será evangelizado.”

J. Comblin, A Força da Palavra

“A idéia do Deus-amor muda o conceito de culto...O culto a Deus no Novo Testamento não ocupa um setor da existência, mas toda ela; não se pratica com ritos especiais, e sim com o próprio viver... O culto é a entrega aos outros; cada circunstância mostra a exigência de amor, e a ela o cristão tem que corresponder. Por ser total e contínuo, implica o desaparecimento do tempo e do lugar sagrados(Jo 4, 21-24).”

J. Mateos e F. Camacho, Jesus e a sociedade de seu tempo

*“Ainda que eu fale as
línguas dos homens e dos
anjos, se eu não tenho
amor,
sou como sino ruidoso
ou como címbalo estridente.
Ainda que eu tenha o dom da profecia,
o conhecimento de todos os mistérios e
toda a ciência,
ainda que tenha a fé, a ponto de mover
montanhas, **se eu não tenho o
amor, eu nada sou.**
Ainda que eu reparta todos os meus
bens, ainda que eu entregue meu
corpo às chamas,
se eu não tenho o amor,
nada disso me adianta.
O amor é paciente,
prestativo é o amor,
não é invejoso, não se vangloria, não
se incha de orgulho.
Não falta com o respeito, não
é interesseiro,
não se irrita, não planeja o mal.
Não se alegra com a injustiça, se
alegra com a verdade.
Tudo desculpa, tudo crê, tudo
espera, tudo suporta.
O amor nunca acabará.”*

Paulo de Tarso, 1Cor 13, 1-8.

Parte - II: Algumas aproximações do amor gratuito

1) Bregman: Uma História Otimista da Humanidade

“Só recentemente cientistas de uma série de diferentes campos chegaram à conclusão de que nossa visão sombria da humanidade precisa de uma revisão radical.” (...)

“Defender a bondade humana é tomar uma posição contra os poderes vigentes. Para os poderosos, qualquer visão esperançosa da natureza humana é uma ameaça direta. Subversiva. Sediciosa. Implica não sermos as feras egoístas que precisam ser domadas, restringidas e regulamentadas... Defender a bondade humana significa se expor a uma tempestade de ridicularizações. Você vai ser chamado se ingênuo.” (...)

“Se acreditarmos que a maioria das pessoas é decente e generosa, tudo pode mudar. Podemos repensar de forma radical como organizamos escolas e prisões, nossos negócios e nossas democracias. E como vivemos... O aspecto positivo é que vivemos num mundo em que praticar o bem nos faz sentir bem... Praticar o bem nos faz sentir bem porque é bom.” (...)

“Por que nos importamos mais com gente que se parece conosco?... Quem escolhe o caminho da compaixão, porém, percebe que é muito pouco o que nos separa dos estranhos. A compaixão nos faz ir além de nós mesmos... Nós humanos, diferenciamos tudo. Temos nossos favoritos e cuidamos mais dos nossos. Não há de que se envergonhar – faz parte de nossa natureza -, mas precisamos também entender que os outros, os estranhos mais distantes, têm famílias e pessoas que os amam. Que são tão humanos quanto nós.” (...)

“Cada boa ação é como uma pedra jogada num lago, ampliando ondas em todas as direções ... A generosidade é cativante... As pessoas são programadas de forma que um simples sinal de bondade as fazem se sentir emocionadas.”

“Seja corajoso. Seja fiel a sua natureza e confie nos outros. Faça o bem em plena luz do dia e não se envergonhe de sua generosidade. No começo você pode ser taxado de crédulo ou ingênuo, mas lembre-se de que a ingenuidade de hoje pode ser o senso comum amanhã.

Chegou o momento de um novo realismo. Chegou o momento de uma nova visão da humanidade.”

Rutger Bregman, *Humanidade: Uma história otimista do homem*

2) Gandhi e o Sermão da Montanha:

Em 1908, quando o interrogaram sobre a origem do *Satyagraha*, Gandhi respondeu citando o Sermão da Montanha: o Sermão da Montanha o despertara para a idéia de resistência passiva; a *Bhagavad Gita* apenas aprofundou essa impressão e a leitura do livro de Tolstoi, *O reino de Deus está em vós*, deu-lhe sua forma definitiva. E Gandhi explicou o significado de *Satyagraha* assim: “Etimologicamente a palavra significa: ater-se à verdade – donde força da verdade. Chamei-a igualmente Força de Alma ou Força de Amor”.

Escreveu Gandhi:

“A não violência, em sua forma ativa, consiste... numa benevolência para com tudo o que existe. É o Amor puro... O domínio sobre si é o único pré-requisito... O domínio de si é a lei do nosso ser. A mais alta perfeição requer o mais alto domínio”.

(...)

“A meta se afasta constantemente de nós... A satisfação se encontra no esforço realizado, não na meta alcançada. No esforço absoluto encontra-se a vitória absoluta. **Para mim, a lei do Amor é a lei do meu ser.** Toda vez que eu fracassar, e justamente por causa do meu fracasso, meu esforço será ainda mais resoluto”.

“A lei do amor governa o mundo. A vida persiste a despeito da morte. O universo continua apesar da destruição incessante. A verdade triunfa do erro. O amor prevalece sobre o ódio”.

“O amor nunca morre”.

“A História consiste em fazer certificar interrupções no trabalho contínuo da força do amor”.

“Para encontrar a Verdade enquanto Deus, o único e inelutável meio é o amor, isto é, a não-violência. Ora, já que acredito que o fim e os meios são, afinal, termos intercambiáveis, não hesito em dizer: **“Deus é Amor”**.”

Fonte: **“GANDHI”** de Christine Jordis.

No final da **“Autobiografia – Minha vida e minhas experiências com a Verdade”** escreveu Gandhi:

“Para ver face a face o Espírito da Verdade universal, que tudo permeia, o indivíduo deve amar a mais insignificante criatura como a si próprio. E um homem que quer chegar a isso não pode permanecer fora de nenhum campo da vida. É por isso que minha devoção à Verdade me levou à política”.

Obs.: Para ler O Sermão da Montanha leia os capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho de Mateus.

3) Bell Hooks(O Amor como prática da liberdade):

“Nesta sociedade, não há um discurso potente sobre o amor emergindo nem de radicais politicamente progressistas nem da esquerda. Na ausência de um foco contínuo no amor dentro dos círculos progressistas é resultado de uma falha coletiva em reconhecer as necessidades do espírito e de uma ênfase excessiva em preocupações materiais. Sem amor, nossos esforços para libertar a nós mesmos e a nossa comunidade mundial da opressão e da exploração estão condenados. Enquanto nos recusarmos a abordar plenamente o lugar do amor nas lutas pela libertação, não seremos capazes de criar uma cultura de conversão na qual uma multidão de pessoas se afaste de

uma ética de dominação.

Sem uma ética do amor para moldar a direção da nossa visão política e das nossas aspirações radicais, muitas vezes somos seduzidos, de uma forma ou de outra, por uma lealdade contínua a sistemas de dominação – imperialismo, sexismo, racismo, classismo... Muitos de nós estão motivados a agir contra a dominação apenas quando sentimos nosso próprio interesse ser diretamente ameaçado. Muitas vezes, então, o anseio não é pela transformação coletiva da sociedade, pelo fim da política de dominações, mas simplesmente pelo fim do que sentimos estar nos machucando. É por isso que precisamos desesperadamente de uma ética do amor para intervir em nosso desejo egocêntrico por mudança. Essencialmente, se estamos comprometidos apenas com uma melhoria nessa política de dominação que sentimos resultar diretamente em nossa exploração ou opressão individual, não apenas permanecemos ligados ao status quo como também agimos em cumplicidade com ele, nutrindo e mantendo esses mesmos sistemas de dominação.

A capacidade de reconhecer pontos cegos somente emerge conforme expandimos nossa preocupação com políticas de dominação e nossa capacidade de nos importar com a opressão e a exploração dos outros. Uma ética do amor torna essa expansão possível...

Repetidas vezes, Luther King declarou que tinha “decidido amar” porque acreditava profundamente que, se estivermos “buscando o bem supremo”, nós “o encontraremos por meio do amor”, porque essa é “a chave que abre a porta para o significado da realidade definitiva”. O objetivo de estar em contato com uma realidade transcendente é lutarmos por justiça sempre conscientes de que somos mais do que nossa raça, classe ou sexo.” (...)

“Uma cultura de dominação é antiamor. Requer violência para se sustentar. Escolher o amor é ir contra os valores predominantes da cultura. Muitas pessoas se sentem incapazes de amar a si mesmas ou aos outros porque não sabem o que é o amor... Thomas Merton argumenta que somos ensinados, dentro de uma estrutura do capitalismo competitivo de consumo, a ver o amor como um negócio: “Esse con-

ceito de amor pressupõe que o maquinário de compras e vendas de necessidades é o que faz tudo funcionar. Considera a vida como um mercado e o amor como uma variação da livre-iniciativa”. (...)

“As pessoas querem saber como começar a prática de amar. Para mim, é aí que a educação para uma consciência crítica precisa entrar... Consciência é central para o processo do amor como prática da liberdade... Ao escolhermos o amor, escolhemos também viver em comunidade, e isso significa que não precisamos mudar sozinhos. Podemos contar com a afirmação crítica e o diálogo com companheiros que andam por um caminho semelhante... Trabalhando dentro da comunidade, compartilhando um projeto com outra pessoa ou com um grupo maior, somos capazes de vivenciar alegria na luta. Essa alegria precisa ser documentada, pois, se focarmos apenas a dor ou as dificuldades que certamente são reais em qualquer processo de transformação, mostraremos apenas uma imagem parcial.

Uma ética do amor enfatiza a importância do serviço aos outros... O serviço fortalece nossa capacidade de conhecer a compaixão e aprofunda nossa percepção...

No momento em que escolhemos amar, começamos a agir contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a avançar em direção à liberdade, a agir de forma a libertar a nós mesmos e aos outros. Essa ação é o testemunho do amor como prática da liberdade”.

Bell Hooks, Cultura fora da lei

4) Sobre o **Povo de Deus**:

O conceito de “Povo de Deus” é uma das principais inovações teológicas do **Concílio Vaticano II**, que ocorreu entre 1962 e 1965. Esse conceito é fundamental para a compreensão das mudanças que o Concílio propôs para a Igreja Católica Romana, que buscou se renovar e se adaptar às transformações sociais, culturais e políticas do século XX.

O termo “Povo de Deus” é usado nos Documentos Conciliares para se referir à comunidade cristã, que não é mais vista apenas como a hierarquia clerical e os membros consagrados da Igreja, mas sim como todos os batizados. Isso significa que todos os cristãos têm um papel ativo na missão da Igreja e na construção do Reino de Deus na Terra, e não apenas os membros do clero ou os religiosos. Essa mudança de perspectiva é importante porque enfatiza a importância da participação e colaboração de todos os fiéis na vida da Igreja e na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Além disso, o conceito de “Povo de Deus” ajuda a superar as barreiras de classe, raça, gênero e outras formas de discriminação, promovendo a igualdade e a dignidade de todos os cristãos. Em resumo, o conceito de “Povo de Deus” nos Documentos do Concílio Vaticano II é relevante porque representa uma mudança significativa na compreensão da Igreja Católica Romana e promove a participação ativa e a igualdade de todos os cristãos na missão da Igreja. Na nossa compreensão o Papa Francisco tem atualizado essa visão do concílio sobre o Povo de Deus em seus mais de 10 anos na governança da Igreja Católica.

Um livro muito interessante sobre essa temática é **“O Povo de Deus” de José Comblin** da editora Paulus. A seguir destacamos alguns pontos dessa obra. Comblin defende que o conceito de Povo de Deus não se restringe apenas à comunidade cristã, mas sim a todos os povos que buscam a justiça social e a libertação dos oprimidos. Ele escreve: *“O povo de Deus é, acima de tudo, um povo em movimento, que busca a libertação e a justiça social. É um povo que luta contra as estruturas opressoras e exploradoras do mundo e que se coloca ao lado dos pobres e marginalizados”*.

Para Comblin, a história do povo de Deus é uma história de luta e resistência contra as estruturas de poder que oprimem e exploram os mais fracos e pobres. Ele destaca que, desde os tempos bíblicos até os dias de hoje, o povo de Deus tem sido um povo em movimento, sempre em busca da libertação e da justiça social. Ele escreve: *“A história do povo de Deus é uma história de resistência e esperança, que aponta para um futuro em que a justiça e a fraternidade serão os valores que nortearão as relações sociais”*.

A concepção de Povo de Deus também tem implicações importantes para a concepção moderna de democracia. Comblin destaca que a ideia de Povo de Deus influenciou a concepção moderna de democracia, que busca garantir a participação ativa do povo na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Ele escreve: “A concepção de Povo de Deus é fundamental para a compreensão da democracia moderna, que busca garantir a participação ativa do povo na construção de uma sociedade mais justa e fraterna”.

Para ele *“A democracia moderna é a forma secularizada do Povo de Deus”, “Povo é colaboração e aliança entre pessoas livres, iguais e fraternas. Essa é a meta.”*

Para Comblin *“O povo nasce e cresce num país quando os seus habitantes começam a sentir-se solidários, praticando a solidariedade nos desafios, na aceitação da condição comum. Se não há solidariedade pode-se afirmar que o povo ainda não existe”.*

Para ele, o agir do povo de Deus é marcado pela solidariedade com os mais fracos e oprimidos, e pela disposição de se colocar ao lado deles na luta pela justiça social. Ele escreve: *“O povo de Deus deve ser um povo solidário, que se coloca ao lado dos pobres e oprimidos na luta por uma sociedade mais justa e fraterna”.*(...) *“A vida em comum realiza-se em pequenas comunidades, porque um povo é tecido de pequenas comunidades e não de indivíduos isolados.”* (...) *“Um povo é formado por seres humanos que se sentem solidários. Os que não são do povo são os que não se solidarizam, mas, pelo contrário, dominam, exploram, ficam indiferentes às necessidades dos outros, governam para a sua utilidade própria sem levar em conta o bem comum”.*

5) O cristianismo nasceu na Palestina durante o primeiro século d.C., e em seus primeiros anos, enfrentou perseguição e resistência por parte do Império Romano, que via os cristãos como uma ameaça à sua autoridade. Apesar disso, o cristianismo se espalhou rapidamente pelo Império, especialmente entre os pobres e marginalizados.

Durante o terceiro século, o cristianismo enfrentou uma série de crises internas e externas, incluindo conflitos teológicos e perseguições severas. No entanto, também nessa época, o cristianismo começou a se tornar mais organizado, com a criação de bispos e diáconos, e se expandiu para além do Império Romano, alcançando a Armênia, a Pérsia e a Arábia.

Em 312 d.C., **Constantino** se tornou o imperador do Império Romano do Ocidente e, em 324 d.C., do Império Romano do Oriente. Em sua ascensão ao trono, ele adotou o cristianismo como sua religião pessoal e começou a implementar políticas que favoreciam os cristãos. Em 313 d.C., ele emitiu o Edito de Milão, que garantia a liberdade religiosa para todos, incluindo os cristãos. Com o tempo, Constantino passou a apoiar financeiramente a igreja cristã, construindo igrejas e promovendo a unificação do cristianismo. Em 325 d.C., ele convocou o **Concílio de Niceia**, que estabeleceu a doutrina da Trindade e rejeitou as ideias do arianismo. Para maiores detalhes sobre isso veja o link a seguir (consulta feita em 18/03/23).

https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/filosofia/arianismo?gclid=c-j0kcqjwwt wgbhdharisaemcxeazmplrk6rgfhc-yuqdpypfgxu06dxs68qg4ms-8fki7gjykae_pcqaaj6_ealw_wcb

Essas políticas de apoio ao cristianismo tiveram um impacto significativo na religião, transformando-a de uma religião perseguida e marginalizada em uma religião oficialmente apoiada pelo Estado. Também levantaram questões sobre a influência do Estado na religião e sobre a unificação da doutrina cristã em detrimento da diversidade teológica.

Alguns estudiosos argumentam que a mudança no status do cristianismo após a ascensão de Constantino levou a uma perda de sua autenticidade e uma maior politização da religião. Outros acreditam que a transformação do cristianismo foi uma evolução natural que permitiu à religião se estabilizar e se tornar mais amplamente aceita.

Em síntese, a atuação de Constantino como imperador do Império Romano do Ocidente e do Oriente foi um ponto de virada significativo na história do cristianismo. As políticas que ele implementou transformaram o cristianismo de uma religião perseguida em uma religião oficialmente apoiada pelo Estado, com um impacto significativo na doutrina, na organização e na cultura cristãs.

É relevante registrar que *“O cristianismo foi uma religião sem templos, que celebrava o memorial da ceia nas casas, e sem sacrifícios. Até o século III, um ministro cristão não é chamado de sacerdote, a partir de um pano de fundo baseado no Antigo Testamento. Ao integrar-se na sociedade romana, ele assumiu elementos hebraicos e das religiões pagãs, que já estavam superados pelo cristianismo”*, como escreveu Juan Antonio Estrada na sua obra **“Da Salvação a um projeto de sentido: como entender a vida de Jesus”**, publicada pela editora Vozes em 2016.

Por outro lado afirmou o filósofo e teólogo Ignacio Ellacuría: *“A historicização ocidental pós-constantiniana leva a fé pelos caminhos do poder, da riqueza e do mundanismo. Ela foi moldada pelas necessidades e interesses dos países ricos do mundo e das sociedades dominantes do mundo. De uma Igreja preferencialmente para os pobres e os fracos, ela se tornou uma Igreja preferencialmente para os ricos e os poderosos, para a manutenção da ordem que a favorece, e não para a sua transformação.”*

6) Uma obra que traz um resumo bem compreensivo, com visão crítica, da evolução histórica do Cristianismo depois de Constantino é **“O Espírito Santo e a Tradição de Jesus”** de José Comblin, que foi publicada em 2023 pela editora Paulus. Nela estão comentários sobre os principais movimentos, concílios e organizações criados em nome do cristianismo ao longo dos séculos. Vale a pena conferir. Para percebermos a profundidade e clareza desses comentários veja os seguintes:

a) *“No Evangelho, desaparece a distinção entre sagrado e profano... A fé não conhece a distinção entre sagrado e profano. A religião está baseada nessa distinção... A fé é vivida na vida real, concreta, material, corporal, social. A religião é vivida num mundo simbólico”*.

b) *“Deus revela-se pela vida de Jesus. Deus não quer somente iluminar as inteligências, mas mudar o mundo, mudar a vida dos seres humanos. Isso se faz pela vida de Jesus, que é a totalidade*

do ensinamento. Jesus vive, e as suas palavras ocupam um lugar particular na sua vida, mas não é o primeiro. O primeiro é a própria vida... A vida de Jesus é mensagem para o mundo. A vida dos discípulos é mensagem para o mundo".

- c) "Jesus suprimiu o clero como classe superior, sagrada, dona de todo o mundo sagrado. Os apóstolos anunciam o Reino de Deus, mas não formam uma classe dominante. Da pregação dos apóstolos, nascem comunidades de irmãos e irmãs que se consideram como iguais" ... "Somente a comunidade dará testemunho do Evangelho".
- d) "É preciso redescobrir que o amor é o único mandamento, o único modo de viver como discípulo de Jesus. A formação cristã não se faz pela aplicação de leis ou preceitos ou obrigações rituais ou cerimoniais. A formação cristã realiza-se pelo amor. Pois ela é educação do amor".
- e) "Por isso, a salvação não é fruto dos conhecimentos, não é fruto de uma religião. Não é preciso ser batizado para alcançar a salvação, porque **a salvação está no agir com compaixão, misericórdia e amor, num amor que dá a própria vida**, reconstitui o ser humano na sua dignidade e no seu valor. No mundo de hoje, deve ficar muito claro que o que anunciamos não é a necessidade de ser católico, mas o seguimento de Jesus na vida de amor pelo outro".
- f) "...A lei do sacramento tomou o lugar do Espírito Santo. Os sacramentos tomaram o lugar do amor ao próximo, como autores da salvação. Os sacramentos são anunciados como indispensáveis para a salvação. Mas não se fala do único preceito, que é o amor ao próximo. No entanto, nenhum sacramento salva se não existe o amor ao próximo, que é a única lei que absorve todas as leis. Veremos que os sacramentos são úteis na medida em que levam à prática do amor real e material ao próximo, isto é, aos desprezados e rejeitados, aos pobres".

7) Uma obra muito atual, com investigação multidisciplinar sobre Jesus de Nazaré, é **“JESUS: Aproximação histórica”** de José Antonio Pagola, publicada pela editora Vozes em 2010. A publicação no original espanhol é de 2007. Em sua Apresentação ele diz: “Creio, com muitos outros pensadores, que Jesus é o melhor que a humanidade produziu. O potencial mais admirável de luz e esperança com que nós seres humanos podemos contar... Meu propósito foi “aproximar-me” de Jesus com rigor histórico e com linguajar simples, para aproximar sua pessoa e sua mensagem ao homem e à mulher de hoje...Jesus não é só dos cristãos. Sua vida e sua mensagem são patrimônio da humanidade”. E no Epílogo da obra Pagola escreveu:

“O que mais interessa a Deus não é a religião, mas um mundo mais humano e amável. O que busca é uma vida mais digna, sadia e feliz para todos, a começar pelos últimos...É esta a Boa Notícia que nos é revelada em Jesus Cristo: Deus se nos dá a si mesmo como aquilo que ele é: Amor”. (...)

“Seguir Jesus implica pôr no centro de nosso olhar e de nosso coração os pobres. Situar-nos na perspectiva dos que sofrem. Fazer nossos seus sofrimentos e aspirações. Assumir sua defesa. Seguir Jesus é viver com compaixão. Sacudir de nós a indiferença. Não viver só de abstrações e princípios teóricos, mas aproximar-nos das pessoas em sua situação concreta. Seguir Jesus pede desenvolver a acolhida. Não viver com mentalidade de seita. Não excluir nem excomungar... Derrubar fronteiras e construir pontes. Eliminar a discriminação”(...)

“A ressurreição de Jesus é para nós a razão última e a força diária de nossa esperança: o que nos alenta para trabalhar por um mundo mais humano, segundo o coração de Deus ... Em Jesus ressuscitado descobrimos a intenção profunda de Deus confirmada para sempre: uma vida plenamente feliz para toda a criação, uma vida libertada para sempre do mal. A vida vivida a partir de

sua Fonte. Onde eu posso encontrar um fundamento mais sólido para viver e morrer com esperança? Ninguém pode despertar e sustentar em mim uma alegria mais radical: agora sei que um dia verei com meus próprios olhos, gozando por fim de uma verdadeira vida, tantas pessoas crucificadas que hoje vejo sofrerem neste mundo sem conhecer a felicidade nem a paz”. (...)

“Sustentado por Jesus, atrevo-me a esperar minha própria ressurreição. Nele ouço as palavras mais grandiosas que Deus pode dirigir ao meu coração: *“A quem tiver sede, dar-lhe-ei de beber gratuitamente da fonte da água da vida”* (Ap 21, 6). Assim gratuitamente, sem merecê-lo, Deus saciará a sede de vida que existe dentro de nós”.

Outra obra recente de investigação histórica sobre Jesus de Nazaré é **“JESUS: uma biografia”** de Armand Puig, publicada pela editora Paulus em 2020. A publicação original em espanhol é de 2005. Ela tem uma organização bem diferente da obra citada de Pagola. Serve como leitura complementar. Um trecho do Epílogo dessa obra:

“A semente semeada por Jesus, de solidariedade sem limites nem condicionamentos, frutificou de forma imprevista e paradoxal em sua ressurreição. A ressurreição abriu um caminho novo para além da morte... Aquele que morrera na cruz vive agora para sempre. A partir daquela manhã de Páscoa, a ênfase passa da mensagem para a pessoa do mensageiro. O corpo crucificado e glorioso de Jesus, sua pessoa total, divina e humana, passou a ser o ponto central e nevralgico. Sua ressurreição selou a opção de amor que Deus tomou a favor de seu Filho amado e a favor de toda a humanidade...Este é o registro fundamental de sua vida: o amor aberto a todos, a dádiva de sua própria existência como instrumento eficaz de salvação... A ressurreição de Jesus é o início de uma nova criação trespassada pela beleza. O mundo futuro já começou a se manifestar”.

8) “Jesus: A Humanização de Deus” é uma obra do teólogo e escritor espanhol José M. Castillo, publicada originalmente em espanhol em 2008. Neste livro, Castillo argumenta que Jesus foi um homem que viveu em um contexto histórico específico, enfrentou desafios e dilemas humanos e buscou trazer uma mensagem de amor e justiça para a humanidade.

Algumas citações importantes da obra:

“A mensagem de Jesus é, essencialmente, uma mensagem de amor. E, quando digo amor, não me refiro apenas a um sentimento, mas a uma atitude fundamental diante da vida, que implica aceitação, respeito, solidariedade, compromisso, doação. O amor é a chave para a compreensão da mensagem de Jesus e para a realização plena do ser humano. O amor é o caminho para a felicidade e para a transformação pessoal e social. O amor é o que nos conecta com a dimensão divina que habita em cada um de nós e em todos os seres. Por isso, a mensagem de Jesus é tão revolucionária e desafiadora, porque ela nos chama a sair de nós mesmos, a transcender nossos interesses egoístas e a nos colocar a serviço do bem comum”.

“O modelo de Jesus é um modelo de serviço, de doação, de entrega e de solidariedade. Ele nos ensina a nos colocar no lugar do outro, a escutar suas necessidades, a compartilhar suas dores, a cuidar de sua vida. Ele nos ensina a ser humildes, a não buscar o poder ou o prestígio, mas a colocar nossos dons e talentos a serviço dos outros. Ele nos ensina a superar nossos preconceitos, a amar nossos inimigos, a perdoar os que nos ofendem. Ele nos ensina a confiar em Deus, a buscar sua vontade, a esperar sua justiça. Ele nos ensina a viver o presente com intensidade, a desfrutar a vida, a celebrar a fraternidade”.

“Jesus é uma referência para a humanidade, porque ele representa a possibilidade de transcender as limitações humanas e se conectar com a dimensão divina que habita em cada um de nós.

Ele é o exemplo de um ser humano que se realizou plenamente, que encontrou o sentido da vida, que viveu de acordo com seus valores mais profundos, que amou e foi amado, que deixou um legado de amor e justiça para as gerações futuras. Jesus é uma fonte de inspiração, de consolo, de esperança e de transformação para aqueles que o seguem. Ele é o caminho, a verdade e a vida, como ele mesmo disse. E, se quisermos encontrar o sentido da vida, se quisermos nos realizar como seres humanos, se quisermos fazer a diferença no mundo, devemos seguir seus passos, imitar seu exemplo, encarnar sua mensagem. Devemos ser cristãos não apenas de nome, mas de fato, não apenas de teoria, mas de prática, não apenas de palavras, mas de obras”.

Parte - III: A Via da Gratuidade/Gratidão

1) No cerne da gratuidade está o ato/gesto de ofertar algo aos outros sem esperar nada em troca. Esse algo pode ser tempo para ouvir/cuidar/servir, ajudas materiais nas necessidades, dedicação/aprimoramento no trabalho, participação em organizações/movimentos em prol do bem comum, o perdão às ofensas, a compaixão com os que sofrem, a tolerância ativa aos diferentes nos lares, nas comunidades, nas redes sociais, nos grupos de WhatsApp/Telegram e na sociedade em geral, etc.

A gratidão, em geral, se revela como uma resposta a algum ato/gesto de gratuidade. A gratidão é mais popularmente divulgada e conhecida, embora, muitas vezes, sua compreensão mais profunda seja prejudicada por falta de reflexão mais demorada sobre a gratuidade. Vamos, pois, aprofundar a compreensão dessa.

A gratuidade expressa, para os dias de hoje, o núcleo fundamental das mensagens dos quatro evangelhos: O amor gratuito que é vida doada aos irmãos!

2) Vejamos nos evangelhos a gratuidade ativa de Jesus através de suas ações, gestos e palavras. Ele curava os enfermos, alimentava as multidões famintas e acolhia os marginalizados, sem exigir nada em troca e sem discriminar ninguém. Seus milagres socorriam os mais necessitados e apontavam sinais do que seria o seu Reino, o Reino de amor gratuito, onde todos eram irmãos e filhos adotivos de um mesmo Pai, o próprio Pai de Jesus. Na ceia de despedida temos a famosa cena do Lava-pés, em que Jesus lava os pés dos apóstolos e deixa claro sua maior lição: o amor como serviço gratuito pelo bem dos outros, pelo bem da comunidade fraterna, pela construção do Reino de Deus, o Reino de Amor em plenitude! *“Depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus vestiu o manto, sentou-se de novo e lhes disse: “Vocês entendem o que lhes tenho feito? Vocês me chamam ‘o Mestre’ e ‘o Senhor’. E vocês têm razão, porque eu sou mesmo. Pois bem, se eu lavei os pés de vocês, eu que sou o Senhor e o Mestre, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei um exemplo, para que vocês façam do modo como eu fiz. Eu garanto a vocês: O servo não é maior do que o seu senhor, nem o apóstolo é maior do que aquele que o enviou. Se vocês entenderem isso, serão felizes se o praticarem.”(Jo 13, 12-17).*

É ainda durante essa ceia que Jesus vai anunciar o mandamento do amor gratuito que vai completar o significado da lição do Lava-pés: “Eu dou a vocês um mandamento novo: Amem-se uns aos outros. Assim como eu ameí vocês, que vocês se amem uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns aos outros, todo vão reconhecer que vocês são meus discípulos”(Jo 13, 34-35). É relevante destacar a novidade desse mandamento: não há nele uma referência explícita ao amor a Deus e nem ao “amar ao próximo como a si mesmo”. A medida do amor aqui é o modo como Jesus amou: com gratuidade total de sua vida pelos amigos/irmãos, os seus seguidores de todos os lugares e épocas. E Jesus amou como seu Pai o amou. Logo o novo mandamento supera os dois primeiros man-

damentos. Pois para amar como Jesus amou é preciso a participação de seu Espírito de amor em nós. E como diz a primeira carta de João: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus. E todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4, 7-8). “Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele” (1Jo 4, 16). E Paulo na carta aos Romanos complementa: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5).

- 3) A parábola do bom samaritano é uma bela lição de gratuidade! Outra parábola nesse sentido é a do pai e seus dois filhos. As bem-aventuranças e todo o Sermão da Montanha revelam o amor gratuito de Deus Pai para com todos nós. No Evangelho de Lucas Jesus ensina: “Amem seus inimigos, façam o bem a quem odeia vocês. Falem bem de quem fala mal de vocês. Rezem por aqueles que os caluniam... Tratem as pessoas como vocês gostariam que elas tratassem a vocês. Se vocês amam aqueles que os amam, que gratuidade é essa? ... Se vocês fazem o bem àqueles que lhes fazem o bem, que gratuidade é essa?... Ao contrário, amem seus inimigos, façam o bem e emprestem sem esperar nada em troca... Sejam misericordiosos, como o Pai de vocês é misericordioso” (Lc 6, 27-36). “Perdoem e serão perdoados. Deem e lhes será dado” (Lc 6, 37-38). No Evangelho de Mateus Jesus diz aos seus discípulos: “Vocês sabem que aqueles que são vistos como governantes das nações as dominam, e seus grandes as tiranizam. Mas entre vocês não deve ser assim. Ao contrário, quem de vocês quiser ser o primeiro, seja o servo de todos. Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida como resgate por muitos.” (Mc 10, 42-45) e (Mt 20, 25-28).

Esses atos e lições de amor e compaixão demonstram a natureza incondicional da gratuidade que Jesus viveu e pregou até sua morte e logo após sua ressurreição! E dessa comentou Armand Puig: *“Sua ressurreição selou a opção de amor que Deus tomou a favor de seu Filho amado e a favor de toda a humanidade... Este é o registro fundamental de sua vida: o amor aberto a todos, a dádiva de sua própria existência como instrumento eficaz de salvação... A ressurreição de Jesus é o início de uma nova criação trespassada pela beleza. O mundo futuro já começou a se manifestar”*. Ou seja, a ressurreição de Jesus é a gratuidade máxima de Deus Pai ao seu Filho Jesus e por meio desse a todos os seus seguidores em todas as épocas, conforme (Jo 17, 20-21); assim como a morte(na cruz) de Jesus é o clímax da gratuidade dEle por todos os seus seguidores. Afinal, com a doação total de sua vida até a morte Ele cumpriu o mandamento que propôs: “Este é o meu mandamento: Amem-se uns aos outros, assim como eu amei a vocês. Ninguém tem amor maior do que alguém que dá a vida pelos amigos”(Jo 15, 12-13). Um ponto a ser destacado aqui são algumas palavras que Jesus disse a Maria Madalena logo após a sua ressurreição: “Vá encontrar os meus irmãos e diga a eles: ‘Eu estou subindo para junto do meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é vosso Deus’”(Jo 20, 17). Nessa passagem do Evangelho de João vemos, pela primeira vez, Jesus chamar seus discípulos de “irmãos”, seu Pai de “vosso Pai” e seu Deus de “vosso Deus”!

- 4) A gratidão é uma resposta natural à gratuidade. O amor do Pai por Jesus, seu Filho, recebe desse como gratidão a vida doada até a morte a serviço da vida em plenitude para todos e todas. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em plenitude”(Jo 10,10). “Da forma que meu Pai me amou, eu também amei vocês: permaneçam em meu amor”(Jo 15, 9).

A gratidão nos convida a reconhecer e apreciar os dons, os talentos e as oportunidades recebidos, cultivando um coração cheio de alegria e reconhecimento. A gratidão nos leva além do foco em nossas necessidades/desejos despertando-nos para a beleza e a abundância da vida presente em comunidade fraterna. O estarmos juntos, sobretudo à mesa, para comer juntos e dialogar fraternalmente usufruindo do amor gratuito comum ou refletindo como aprimorar as condições dentro da comunidade para que esse amor gratuito seja pão partilhado por todos os seus participantes. Como escreveu Pagola no prefácio da obra “Retornar a Jesus de Nazaré” de Rafael Luciani: “Sentados juntos, em torno à mesma mesa, curam-se os corações dilacerados, restitui-se a dignidade ao excluído, devolve-se a confiança ao pecador, reconhece-se a condição filial do desprezado... Aqui se celebra a fraternidade e se reúnem forças para continuar humanizando a vida, ao mesmo tempo em que se acolhe e se celebra a realização entre nós do reinado de Deus”.

Nos evangelhos, vemos essa gratidão manifestada por aqueles que foram tocados pela gratuidade de Jesus Cristo. Eles se curvavam ou se ajoelhavam em agradecimento, expressando sua profunda gratidão por terem experimentado a bondade/compaixão de Jesus, a misericórdia divina.

Por outro lado, estudos da neurociência mostram que a prática da gratidão está associada a um aumento da atividade em áreas do cérebro relacionadas ao bem-estar emocional, à empatia/compaixão e à conexão social. Quando somos gratos, nosso cérebro responde liberando neurotransmissores que nos trazem uma sensação de contentamento e felicidade. Assim a gratidão contribui à redução do estresse e à melhoria da saúde mental e física, o que fortalece a integração humana e promove a espiritualidade profunda, que em última análise é a própria gratuidade, como Jesus ensinou/vivenciou.

Não há gratidão verdadeira que não seja gerada e praticada pela gratuidade. A gratidão é também uma expressão de gratuidade. Assim como o são os atos de generosidade, de compaixão, de misericórdia e de doação aos outros, sobretudo com prioridade aos mais necessitados. Cultivemos, pois, a gratidão em nosso cotidiano.

- 5) Ao nos aprofundarmos no estudo/meditação dos evangelhos, contemplando a vida de Jesus, e nas descobertas da neurociência, somos convidados a abraçar essa via profunda da gratuidade/gratidão que nos carrega pela trilha verdadeira do viver/conviver mais abundante, mais pleno, ensinado/testemunhado pelo leigo Jesus de Nazaré! Recordo aqui, sobretudo para os que ainda não têm fé nesse leigo, que o próprio Jesus disse: “As obras que faço em nome de meu Pai, são elas que dão testemunho de mim... Se não faço as obras de meu Pai, não acreditem em mim. Mas, se eu as faço, ainda que vocês não acreditem em mim, acreditem pelo menos em minhas obras. Assim, saibam vocês e se convençam de que o Pai está presente em mim, e eu no Pai.”(Jo 10, 25.37-38). Evidentemente, as obras de Jesus são obras de gratuidade total pelo bem da humanidade, com prioridade aos mais necessitados e marginalizados, com quem se identificou, conforme relata Mateus no capítulo 25 de seu evangelho:

“Venham benditos de meu Pai! Recebam por herança o Reino preparado para vocês desde a criação do mundo. Pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber...Então os justos lhe perguntarão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e demos de comer, com sede e te demos de beber?...’ E respondendo, o Rei lhes dirá: ‘Eu lhes garanto: Todas as vezes que vocês fizeram isso a um desses irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizeram!’.”(Mt 25, 31-46).

Que possamos, assim, nos tornar agentes de transformação em nosso mundo, espalhando o amor gratuito em suas diversas formas: oferecendo nosso tempo, talentos, recursos e posições/cargos a serviço do bem comum, com prioridade àqueles que estão com mais necessidades, sem esperar nada em troca; estendendo nossa compaixão/generosidade/solidariedade para com os outros, em nossas comunidades, reconhecendo-os como amigos/irmãos em dignidade e valor intrínsecos, sem discriminação. Como escreveu Paulo aos coríntios: *“Quem semeia com generosidade, também colherá com generosidade. Cada um dê como decidir em seu coração, não com desgosto ou por pressão, pois Deus ama quem dá com alegria”*(2Cor 9, 6-7).

- 6) Ao cultivarmos ativamente a gratuidade/gratidão em nossas vidas, encontramos uma nova perspectiva, uma visão mais profunda e integradora da vida pessoal e comunitária que não nos deixa ficar parados diante das contradições e desafios encontrados. Somos surpreendidos com a presença de uma energia espiritual extra que potencializa todos os nossos dons e talentos para produzir mais frutos de bondade na comunidade. Aprendemos a reconhecer os pequenos milagres diários e a valorizar as conexões, diálogos e relacionamentos que dão significado maior às nossas vidas na comunidade/sociedade.

Expressar gratidão ou praticar a gratuidade no cotidiano nos permite nutrir uma disposição positiva/otimista/esperançosa em nossas mentes e corações, fortalecendo nossa resiliência, bem-estar emocional e espiritual profundo! A plenitude da vida, a vida em abundância, torna-se assim muito próxima de nossa caminhada cotidiana, ainda que de forma esboçada. Busquemos, pois, praticar a gratuidade ativa em nossas ações diárias, encontrando maneiras de compartilhar nosso amor/generosidade com os outros, aprimorando/renovando posturas de gratidão, reconhecendo e apreciando os dons e oportunidades que recebemos. Tomemos

decisões e façamos escolhas sob a luz da gratuidade/gratidão. Desse modo vivenciaremos uma profunda alegria interior que transcende as circunstâncias externas e irradia luz e esperança para as nossas famílias, comunidades e a sociedade em geral! Descobriremos que só somos realmente livres quando praticamos a gratuidade ativa, na vida doada aos outros, nossos irmãos!

- 7) Por fim, que possamos desenvolver uma percepção abrangente e integradora da **nossa vida como um dom, uma dádiva, um presente**, gerado no seio de uma comunidade sob a ação do Espírito de Gratuidade amorosa de Jesus, que se oferece como nosso colaborador diário para que livremente possamos doar nossa vida, com os nossos dons, talentos e oportunidades, a serviço de uma sociedade livre, justa e fraterna, a começar pelos que estão mais próximos e mais necessitados! E para que isso possa ser usufruído por todos e todas que se dedicaram com muita gratuidade, ao longo da história, para a realização desse grande sonho, atravessaremos a porta da morte pelas mãos do Espírito de Gratuidade para a Vida Plena no Reino de Amor gratuito que Deus preparou para nós!

Parte - IV : A Lição Maior do Evangelho de João

- 1) O Prólogo do Evangelho de João acentua a relevância e centralidade da Palavra em todo o Evangelho. A Palavra de Jesus é a manifestação terrestre da Palavra eterna do Pai. **Tudo o que o Pai quer manifestar ao mundo está presente nessa Palavra histórica que é Jesus. Jesus não só é Evangelho, mas o Evangelho que ele significa é também a expressão da totalidade da ação de Deus no mundo.** “No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e Deus era a Palavra. No princípio ela estava junto de Deus. Tudo foi feito por meio dela, e sem ela nada foi fei-

to. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos seres humanos” (Jo 1, 1-4). “E a Palavra se fez carne e habitou entre nós ... Nele tudo era dom de amor e verdade”(Jo 1, 14). “De sua plenitude, com efeito, todos nós recebemos, e dádiva e mais dádiva”(Jo 1, 16).

2) O Jesus de quem fala João não é apenas o Jesus em sua vida histórica, mas também o Jesus ressuscitado que permanece atuando no mundo por meio dos seus discípulos sob a ação de seu Espírito. Jesus também atuou, de certo modo, em todas as preparações evangélicas, falou pelos profetas e falou no mundo pagão. Contudo, a plenitude da palavra manifestou-se num momento determinado, porque somente em um momento determinado houve a encarnação da Palavra. Para os que acreditam, os discursos explicam a mensagem fundamental de Jesus Cristo: a Vida em plenitude, o Amor Gratuito em plenitude. Jesus é a vida plena, o pão da vida plena, a ressurreição, a luz do mundo, o bom pastor, a porta ou o caminho que levam à vida plena. “Eu sou o pão da vida...Quem comer desse pão viverá para sempre”(Jo 6, 35.51). “Eu sou a luz do mundo”(Jo 8, 12). “Eu sou a Ressurreição e a Vida: aquele que crê em mim, mesmo que morra, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim não morrerá jamais”(Jo 11, 25-26). “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas”(Jo 10, 11). “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim”(Jo 14, 6).

3) Jesus quer a fé: isso quer dizer que Jesus vem para reanimar nas pessoas o desejo de vida, a vontade de viver com mais plenitude, o gosto profundo pela vida verdadeira, a alegria de viver e conviver fraternalmente. As pessoas tornaram-se muito desconfiadas, incrédulas; não acreditam que uma mudança profunda seja possível; o mais difícil é suscitar nelas uma vontade de renovar sua vida, de viver mais plenamente: a atitude cética de Nicodemos (Jo 3, 1-15) ilustra bem a condição humana. Portanto, o que Jesus e João chamam de fé é, em primeiro lugar, uma confiança na vida

abundante, na vida nova de amor gratuito proposta e vivenciada por Ele. Sem confiança nessa vida, não há mudança possível! Em segundo lugar, Jesus apresenta-se como fonte dessa vida abundante e pede a fé nEle. “Eu vim para tenham a vida, e a tenham em abundância(plenitude)”(Jo 10, 10). “Eu sou a Ressurreição e a Vida: aquele que crê em mim, mesmo que morra, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim não morrerá jamais”(Jo 11, 25-26)). O que pede aos discípulos é que acreditem na vida em abundância, mergulhem na profundidade da vida realmente vivida e vejam nEle a fonte da vida plena. Por isso o ato de fé reúne dois aspectos: confiança na vida em abundância, que começa aqui com a prática do amor gratuito, e que acreditem em Jesus como fonte dessa vida plena de gratuidade amorosa. “Eu sou a videira e vocês são os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, produzirá frutos em abundância, pois, sem mim vocês não podem fazer nada”(Jo 15, 5). “O que glorifica meu Pai é que vocês produzam frutos em abundância e se tornem meus discípulos”(Jo 15, 8).

O ato de fé consiste em ver em Jesus uma vida nova, a presença de algo jamais visto na humanidade e, portanto, algo que inspira confiança na vida plena. A fé não é exterior à vida, ela é a vida nova que começa. Quem tem a fé já está vivendo em Jesus e vivendo integrado nele. “Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, a fim de que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna” (Jo 3, 36). “Aquele que beber da água que eu lhe darei nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe darei se tornará nele uma fonte que jorrará para a vida eterna” (Jo 4, 14). “Eu sou o pão da vida...Quem comer desse pão viverá para sempre”(Jo 6, 35.51). “Quem me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele nossa morada”(Jo 14, 23). Disso vem a importância de se cultivar a oração, como diálogo interior com Jesus e o Pai, com a mediação do Espírito de Amor gratuito, em todos os momentos da vida. “Vigiai e orai, a fim de não cairdes em poder da tentação”(Mt 26, 41).

- 4) A perícopé (Jo 13, 1-20) do lava-pés revela um sentido muito profundo para as nossas comunidades. Ela começa assim: “Antes da Páscoa, sabendo Jesus que a sua hora tinha chegado, a hora de passar deste mundo para o Pai, ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até o extremo”(Jo 13, 1). Com o amor de Jesus até o extremo diante dos olhos, aprendemos a necessidade de, na entrega da fé, aceitar seu gesto único e insubstituível de doação da vida por nós para que nós também demos a vida pelos irmãos, conforme (1Jo 3, 16), dispondo-se a serviço uns dos outros através do amor (Gl 5, 13). A humildade de Jesus, sintetizada no gesto do lava-pés, não é apenas uma amostra de virtude. É uma revolução. Acaba com o desnível entre senhor e servo. A ideologia dominante do mundo acha isso ridículo e, assim como se opôs a Jesus, tentará reprimir o projeto da fraternidade cristã. Haverá até traidor no meio, como no caso de Judas. Ocorrerão covardias e incompreensões na caminhada, como ocorreu com Pedro e outros discípulos. Mas Jesus foi até o fim e anunciou tudo isso, para que nunca duvidemos de que ele é quem nos revela o agir de Deus mesmo, ao qual nós podemos nos unir na solidariedade com Ele.
- 5) O ato surpreendente de Jesus lavando os pés de seus discípulos é realizado como exemplo-síntese de sua vida para ser renovado na relação de uns com os outros no cotidiano. Ou seja, **no ato do lava-pés Jesus não cria um rito; ele institui uma prática**. Ou melhor: **ele indica que o que esse seu gesto significa tem de ser a marca da vida dos seguidores e seguidoras de Jesus**. É o novo modo de agir da comunidade, inspirado no “exemplo-síntese” de Jesus, que deve contagiar e transformar os modos de organização social que hoje estão baseados na desigualdade e na dominação.

O ato de amor de Jesus – o lava-pés e a doação da própria vida – é único e incomparável, um ato de Deus - os atos de Jesus são obra do Pai: “É o Pai que permanece em mim, ele é quem realiza as suas obras”(Jo 14, 10). Tornar-nos livres para viver em conformidade

com este amor e, em total liberdade, tornar-nos servos no amor gratuito. Assim, a morte de Jesus é dom e missão, “gratuidade e verdade que nos liberta” (Jo 1,17; 13, 1) e missão para realizarmos em nossa vida. Em (Jo 13, 34-35; 15, 12), Jesus repetirá quase as mesmas palavras de (Jo 13, 14), substituindo, porém, “lavar os pés” por “amar”. “Como eu vos amei, amai-vos uns aos outros”. Podemos compreender assim que o gesto do “lava-pés” é uma apresentação simbólica do amor gratuito testemunhado por Jesus e recomendado por Ele como seu único mandamento.

6) Para produzir vida é preciso que se esteja disposto, como Jesus, a dar-se totalmente. **A vida é fruto do amor** e brotará com maior ou menor intensidade, segundo a qualidade do amor. Quando o amor é gratuito, o fruto de vida na própria pessoa e nos outros chegará à sua plenitude. A fecundidade da missão de cada seguidor/discípulo não depende, portanto, da transmissão exata da mensagem doutrinal, mas da entrega/doação por amor. **Onde há amor gratuito, há vida em abundância, pois o amor gratuito é a vida doada aos irmãos. E essa vida doada aos irmãos até o fim tem uma surpresa: recebe, como dádiva do Deus de Amor Gratuito, a vida plena para sempre.** Essa é a mensagem fundamental da vida humana do leigo Jesus, com sua morte e Ressurreição!

7) A vida eterna do Evangelho segundo João é, sem dúvida, em primeiro lugar, a vida que segue a ressurreição final: a ressurreição de Jesus é a porta aberta para a ressurreição final. Porém, desde a ressurreição de Jesus e o envio do Espírito Santo, a vida nova já começou; os discípulos, os seus seguidores, já estão na vida eterna. Os discípulos já não pertencem ao mundo: já pertencem ao reino de Deus. Jesus promete estar ativo no meio dos seus através do seu Espírito, que será seu guia no meio das perseguições e das tribulações (Jo 14, 17.26; 15, 26; 16, 7-15).

A vida nova consiste em “permanecer no amor” de Jesus Cristo. “Assim como o Pai me amou, também eu vos amei: permanecei no meu amor” (Jo 15, 9). Jesus quis dar um sinal eloquente desse amor que é serviço gratuito: lavando os pés dos seus discípulos (Jo 13, 1-16). “Se pois eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14). Nessa missão, os discípulos serão vítimas da perseguição, seguindo os passos de Jesus: “Se a mim perseguiram, a vós também perseguirão” (Jo 16, 20). Mas os discípulos têm o poder de fazer as mesmas obras que Jesus fez: “Quem acredita em mim fará as obras que eu faço, e fará obras maiores do que estas” (Jo 14,12). No meio dessa missão, a alegria de Jesus estará com eles, a alegria que é também a paz: “Eu vos disse isso para que em mim tenhais a paz. No mundo tereis aflições. Mas tende coragem, eu venci o mundo” (Jo 16, 33).

Parte - V : Reflexões de Teresa de Lisieux sobre O Amor Gratuito

“Quando vejo Madalena avançar na presença dos numerosos convidados, banhar com as suas lágrimas os pés do Mestre adorado que toca pela primeira vez, sinto que o coração dela compreendeu os abismos de amor e de misericórdia do Coração de Jesus, e que, por muito pecadora que ela seja, este Coração de amor está não só disposto a perdoar-lhe, mas ainda a prodigalizar-lhe os benefícios da sua intimidade divina, a elevá-la aos mais altos cumes da contemplação. Ah! meu querido Irmãozinho, desde que me foi dado compreender também o amor do Coração de Jesus, confesso que ele afastou do meu coração todo o temor. A lembrança das minhas faltas humilha-me, leva-me a nunca me apoiar na minha força que é só fraqueza, mas esta lembrança fala-me ainda mais de misericórdia e de amor”. (Carta 247)

“Só a confiança e nada mais do que a confiança tem de conduzir-nos ao Amor”. (Carta 197)

“Ah! Se todas as almas débeis e imperfeitas sentissem o que sente a mais pequena de todas as almas – a alma da vossa Teresinha -, nem uma única perderia a esperança de chegar à Montanha do Amor, uma vez que Jesus não pede grandes ações, mas apenas o abandono e a gratidão”. (Manuscrito B, 1)

“A mim, deu-me a sua Misericórdia infinita, e é através dela que contemplo e adoro as demais perfeições divinas. Assim, todas se me apresentam resplandecentes de amor. A própria Justiça (e talvez mais ainda que qualquer outra) me parece revestida de amor”. (Manuscrito A, 83).

“Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja; que, se o Amor se apagasse, os Apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os mártires se recusariam a derramar seu sangue... Compreendi que o Amor continha todas as Vocações, que o Amor é tudo, que abarca todos os tempos e todos os lugares... Em uma palavra, que é Eterno! Então, em um transporte de alegria delirante, exclamei: ‘Ó Jesus, meu Amor, encontrei finalmente a minha vocação; a minha vocação é o Amor!’” (Manuscrito B, 3)

“Sim, Jesus tem suas preferências. Em seu jardim existem frutos que o Sol de seu amor faz amadurecer quase num piscar de olhos...Ah! Deixemo-nos dourar pelo Sol de seu Amor... Este Sol é ardente... Consumamo-nos de Amor... Oh! Não deixemos nada, nada em nossos corações, a não ser Jesus! ...

Aproveitemos de nosso único momento de sofrimento! Não vejamos mais que cada instante! Um instante é um tesouro ... Um só ato de amor nos fará conhecer melhor a Jesus... Fará nos aproximar dele por toda a Eternidade!” (Carta 89)

“... A vida é um tesouro ... cada instante é uma eternidade de alegria para o céu, uma eternidade para ver Deus face a face, para ser uma só coisa com Ele!” (Carta 96)

“Amar é tudo dar, e dar-se a si mesmo”. (Poesia 54, 22)

“Sinto que vou entrar no repouso... Mas sinto principalmente que minha missão vai começar; minha missão de fazer com que amem o bom Deus como eu o amo; de dar às almas a minha pequena via. Se o bom Deus realizar os meus desejos, meu Céu se passará na terra, até o fim do mundo. Sim, quero passar o meu Céu fazendo o bem sobre a terra.” (UC, 17 de julho)

“...O Bom Deus não me daria este desejo de fazer o bem sobre a terra após minha morte, se não o quisesse realizar! Antes, haveria de dar-me o desejo de repousar nele.” (UC, 18 de julho)

“Conto somente com o amor”. (Carta 242)

“A fim de viver num ato de perfeito Amor, ofereço-me como vítima de holocausto ao vosso Amor Misericordioso, pedindo-vos que me consumais sem cessar, e façais irromper em minha alma as torrentes de infinita ternura que em vós se encerram, e assim me torne Mártir de vosso Amor, oh, meu Deus!...” (Oração 6: “Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso”)

.....

COMENTÁRIO DO PAPA FRANCISCO no final da Exortação Sobre a Confiança no Amor Misericordioso de Deus:

“Do céu à terra, a atualidade de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face permanece em toda a sua "pequena grandeza". Em um tempo que nos convida a fechar-nos nos próprios interesses, Teresinha mostra a beleza de fazer da vida um dom.

Em um período em que prevalecem as necessidades mais superficiais, ela é testemunha da radicalidade evangélica.

Em uma época de individualismo, ela nos faz descobrir o valor do amor que se torna intercessão.

Em um momento em que o ser humano vive obcecado pela grandeza e por novas formas de poder, ela aponta a via da pequenez..

Em um tempo em que se descartam tantos seres humanos, ela nos ensina a beleza do cuidado, do ocupar-se do outro.

Em um momento de complexidade, ela pode nos ajudar a redescobrir a simplicidade, o primado absoluto do amor, da confiança e do abandono, superando uma lógica legalista e moralista que enche a vida cristã de obrigações e preceitos e congela a alegria do Evangelho.

Em um tempo de entrincheiramento e reclusão, Teresinha nos convida à saída missionária, conquistados pela atração de Jesus Cristo e do Evangelho.

Um século e meio depois do seu nascimento, Teresa está mais viva do que nunca no coração da Igreja a caminho, no coração do povo de Deus. Está peregrinando conosco, fazendo o bem sobre a terra, como tanto desejava. O sinal mais belo da sua vitalidade espiritual são as inúmeras "rosas" que vai espalhando, isto é, as graças que Deus nos concede por sua intercessão cheia de amor, para nos sustentar no percurso da vida."

NOTAS COMPLEMENTARES:

A) Usamos, de um modo geral, duas traduções diferentes da Bíblia como referência para as citações: **Bíblia Pastoral**, da Paulus, 2014 e a **TEB**, da Edições Loyola, 2020.

Às vezes, numa mesma citação, colocamos frases das duas traduções. Sobre o Evangelho de João consultamos várias obras, mas consideramos como prioritárias duas:

1) **Lendo o Evangelho segundo João**, de Pedro Lima Vasconcellos, Editora Paulus, 2018;

2) **Evangelho segundo João: Amor e Fidelidade**, de Johan Konings, Edições Loyola, 2005.

Há também uma obra mais breve (menos de 100 páginas) e mais recente (2019) desse segundo autor: **JOÃO: O evangelho do amor de Deus**. Um livrinho de J. Comblin, que comenta brevemente os evangelhos e as cartas de Paulo e que recomendamos também é: **“Evangelizar”**, Editora Paulus, 2010.

Essa última obra está disponível na forma de e-book, que pode ser lida no Kindle. Fica aqui, também, a recomendação de leitura das obras citadas na Parte – II.

- B)** Excepcionalmente, usamos a **Bíblia de Jerusalém**, da Paulus, 2002 e também a **La Biblia Latinoamerica** da San Pablo, 2005. Nessa Bíblia há um conselho inicial importante: começar a leitura da Bíblia pelos Evangelhos, onde nos encontramos diretamente com Cristo, que é a Luz, a Verdade e a Palavra de Deus. Ressaltamos em relação a isso que Teresa de Lisieux, nos últimos anos de vida no carmelo, coloca os Evangelhos como sua leitura preferencial: “Mas é acima de tudo o Evangelho que me entretém durante o tempo da oração; nele encontro tudo o que é necessário para a minha pobre alminha. Aí, descubro sempre novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos.”(Manuscrito A).
- C)** A nossa orientação aqui é de começarmos a ler a Bíblia pelo Evangelho de João, depois os outros três evangelhos: Mateus, Marcos e Lucas. A seguir os outros textos do Novo Testamento. Sugerimos também uma contemplação frequente do capítulo 13 de João como inspiração para uma compreensão mais ampla do Evangelho de João como um todo. Perceba que a capa desse nosso folheto destaca a cena do Lava-pés.
- D)** A Palavra “graça” vem do termo hebraico “*hèsed*” que tem vários significados: benevolência, dom, favor, graça, gratuidade, bondade, misericórdia, amizade, amor. Para nós, em virtude do mandamento novo de Jesus, ela é compreendida como gratuidade/amor gratuito/misericórdia/dom/dádiva. Por isso sugerimos que sempre que se faça a leitura dos Evangelhos ou de outros textos do Novo Testamento, tentem traduzir a palavra “graça” por gratuidade/amor gratuito/misericórdia/dom/dádiva.
- E)** O presente texto é resultado de reflexões sobre nossa experiência no ano de 2023 com um grupo de cerca de 30 pessoas. Nessa experiência realizamos 5 Encontros/Aprendências de duração de 2h. Utilizamos mais de um tipo de metodologia. Mas a

estrutura geral, que era compartilhada antes de cada encontro no grupo de WhatsApp “VPLJ” tinha os seguintes momentos: abertura/acolhimento com música e orientações; leitura individual ou em grupo de parte do texto guia; leitura de um trecho do Evangelho de João; comentário do coordenador; participação/diálogo dos participantes; momento final de gratidão com a oração do “Pai Nosso” e os abraços fraternos.

Obs.: VPLJ = O Viver Pleno do Leigo Jesus.

F) No ano de 2024 realizamos 4 Encontros do grupo Viver Pleno.

G) Para o ano de 2025 acrescentamos a Parte – V ao texto base usado em 2024.

